

AS VIVÊNCIAS DE UM ESPAÇO MUNDANO: AS REPRESENTAÇÕES DA ZONA DO MERETRÍCIO EM TERRAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ (TAQUARA –RS, DÉCADAS DE 1970 E 1980)

Daniel Luciano Gevehr*
Jacira Brizzola Moraes
Leonardo Cardoso Wichinheski
Maicon Diego Rodrigues
(Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT)
danielgevehr@hotmail.com

Resumo

O artigo analisa as imagens e representações construídas sobre as mulheres inseridas no contexto da prostituição, tendo como recorte espacial o meretrício de Taquara, município localizado no Vale do Paranhana, RS. A partir desse recorte - o espaço urbano de Taquara nas décadas de 1970 e 1980 - procuramos discutir os elementos simbólicos que envolveram a construção de imagens e idealizações sobre as personagens, seu contexto e também sobre a dinâmica que envolveu seu cotidiano. Pretendemos com isso discutir como a imprensa foi um elemento fundamental na dinâmica de construção das representações sociais sobre as mulheres inseridas no contexto do meretrício e como o jornal foi responsável pela difusão de determinadas imagens sobre o lugar e suas personagens no imaginário da cidade.

Palavras-chave: Mulheres do meretrício. Imigração Alemã. Imprensa. Representações sociais.

Abstract

The present article analyses the images and representations built upon the women within the social context of prostitution in Taquara, a town located in the Paranhana Valley, RS. Based on this time and space frame – the urban area of Taquara in the decades of 1970 and 1980 – we have attempted to discuss the symbolic elements that were involved in the building of the images and idealizations regarding the people, their context and the dynamics which were part of their everyday lives. We have thus intended to propose a discussion on the extent to which the press was an essential element in the dynamics of the building of the social representations on the women inserted within the context of prostitution, as well as the ways in which the local newspaper was responsible for the propagation of certain images about the place and its people in the imaginary of the town.

Keywords: Women in prostitution. German Immigration. Press. Social representations.

* Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e professor nas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT. Coordenador do projeto de pesquisa *Festa, devassidão e violência: as imagens do meretrício e a idealização de um cenário, de suas personagens e de seu enredo (Taquara, RS)*, vinculado ao Departamento de História (FACCAT). O grupo de pesquisa foi constituído pelos alunos do Curso de História, acima mencionados.

Considerações Iniciais

O presente artigo discute o papel desempenhado pela imprensa, enquanto veículo de difusão de representações sociais sobre a *zona do meretrício*, localizada no município de Taquara (RS)¹. Para tanto, nos valem das publicações realizadas pelo Jornal *Panorama*, no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, período em que se verifica uma preocupação significativa por parte da imprensa em publicar notícias sobre o meretrício da cidade.

A *zona*, como era conhecido o espaço em que se localizavam as casas de diversão e prostituição da cidade de Taquara, tem sua origem ainda nas primeiras décadas do século XX. Esse espaço recebeu por parte dos moradores da cidade, também outras alcunhas, como “maloca” ou “lomba das gatas”, sendo essas denominações mais conhecidas entre o público masculino que frequentava o local. O meretrício de Taquara e seu conjunto de estabelecimentos acabaram, com isso, chamando a atenção dos moradores da região, devido ao expressivo movimento que observava no lugar e que ao mesmo tempo, despertava a atenção das autoridades e de alguns grupos sociais, descontentes com aquele espaço.

Sobre as mulheres que atuavam na *zona*, sabemos que eram originárias de vários locais do estado, uma vez que essas mulheres eram atraídas pelo trabalho que poderiam desempenhar nas casas do meretrício da cidade. Sabe-se, ainda que, muitas mulheres ainda jovens da região, também acabavam buscando na zona do meretrício uma opção de trabalho e até mesmo de casamento. Essas situações, como o casamento, fazia com que muitas mulheres jovens fossem “retiradas” da prostituição, assumindo novos papéis sociais, como os de esposa, mãe e até mesmo de *dama da sociedade*.

O meretrício da cidade era frequentado por pessoas de diferentes localidades da região, que lá buscavam não apenas os prazeres sexuais, mas

¹ O município de Taquara localiza-se na região Nordeste do Rio Grande do Sul e desempenha importante papel de integração regional, por situar-se no entroncamento das estradas que ligam a Região Metropolitana de Porto Alegre, a Serra Gaúcha e o Litoral Norte do Estado. A origem do município está diretamente ligada ao processo de imigração de alemães no sul do Brasil, e que teve em 1824, o início da colonização, com a fundação da Colônia Alemã de São Leopoldo. Vale ressaltar que, a grande maioria dos primeiros moradores da cidade eram de origem alemã, características essas que se preservam, em parte, até os dias atuais.

também a diversão com as várias apresentações artísticas que eram realizadas por inúmeras celebridades do mundo artístico. Com isso, o meretrício não era local apenas de prostituição, mas também um *lugar* frequentado por diferentes grupos sociais que lá buscavam diversão e entretenimento.

O meretrício, além de sua representação associada diretamente à prostituição – caráter reforçado pela imprensa local - também desempenhava um papel de lugar da sociabilidade de muitos indivíduos – em especial dos homens - da sociedade taquarense. Esse caráter de sociabilidade se evidencia, na medida em que notamos a presença de artistas de renome nacional no palco dos estabelecimentos da *zona*. Assim, muitas pessoas e até mesmo muitos casais, se dirigiam até as casas do meretrício onde se realizavam essas apresentações para prestigiar esses artistas. Como exemplo, podemos citar as apresentações de cantores como Ângela Maria e Nelson Gonçalves, que estiveram na boate *Apollo 11*, uma das maiores e mais famosas casas localizadas no meretrício.

Partindo da ideia de que o Jornal *Panorama* desempenhou papel preponderante na difusão de representações sobre o meretrício de Taquara, precisamos inicialmente discutirmos o que estamos entendendo como representações e de que forma a difusão de representações sobre o meretrício influenciou a construção dos imaginários sociais da comunidade em relação a esse lugar. Nesse sentido, nos valem em nosso estudo, do conceito de representação proposto pela historiadora Denise Jodelet, que afirma que as representações:

Expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica sociais das representações.²

A partir dessa noção proposta pela autora, entendemos que em nosso caso, as representações, difundidas pelo *Panorama*, acabaram influenciando de forma decisiva a formação do imaginário coletivo dos taquarenses. A ideia que se

² JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 3.

procurava reforçar através das notícias divulgadas pela imprensa associava, na maioria das vezes, o meretrício aos acontecimentos negativos da cidade, tais como os crimes, roubos, brigas e até mesmo as mortes ocorridas na cidade. Sendo assim, ainda que o meretrício estivesse associado à cultura e a diversão da região, acabou tendo sua imagem mais forte associada à prostituição e a violência. Em nossa análise, procuramos pensar o meretrício de Taquara, enquanto um espaço social representado pela imprensa local, que dessa forma difunde no imaginário social determinadas ideias e valores sobre o meretrício, procurando com isso, imprimir um ideal de verdade em seus leitores.

O meretrício como espaço das *mulheres de má reputação* na cidade

Iniciamos esta análise sobre as representações difundidas sobre meretrício na imprensa a partir de algumas questões teórico-metodológicas que consideramos fundamentais no entendimento de nossa pesquisa. A primeira delas diz respeito a dimensão pela qual perpassa a difusão de ideias publicadas por um órgão de imprensa sobre os lugares de uma cidade, assim como sobre os personagens que nela atuam.

A imprensa, como instrumento difusor de ideias e valores de uma sociedade, expressa idealizações, valores e sentimentos sobre as coisas e o mundo. Nesse sentido, os lugares e os personagens de uma cidade passam a ser alvo de interpretações, que por sua vez, estabelecem uma série de relações sociais através das quais as pessoas e os espaços associados a elas passam a apresentar um valor simbólico, sempre ligado a adjetivações. São as fontes impressas, as responsáveis pela difusão de imagens e representações, que veiculam discursos produzidos por indivíduos que mantinham contato com o espaço social analisado. Daí, ser possível afirmar que o Jornal Panorama era responsável, no período analisado, por criar e difundir uma imagem idealizada sobre o meretrício de Taquara. A historiadora Sandra Pesavento analisa o papel dos jornais como difusores de uma “mentalidade coletiva” sobre alguns espaços, a julgar pelo objeto que estudamos, o meretrício taquarense era um espaço também de pecado, uma vez que segundo a

autora:

A julgar pelas ocorrências encontradas nos jornais da cidade, parecia que, verdadeiramente, o pecado morava ao lado de cada moradia e que o crime espreitava em cada esquina... Mas, sem dúvida, há que estabelecer correlações entre as fontes a utilizar e analisar as informações que elas possam conter.³

Sobre essa importante questão, que envolve a discussão das imagens e dos discursos na história – sejam elas fotografias, desenhos ou até mesmo discursos que imprimem determinadas imagens sobre as coisas, os estudiosos ressaltam que não se pode acreditar que há neste tipo de fonte um olhar inocente do indivíduo que a produziu. Ao contrário, todas as representações construídas pelo homem na sociedade são condicionadas pelo contexto e pelas diferentes motivações que levam os indivíduos a interpretar e produzirem uma determinada leitura do mundo.

Concordando com estas considerações vê-se que é preciso estar consciente de que o espaço analisado por nós – o meretrício de Taquara - era considerado como um lugar de desregramento e exclusão social, ou seja, um local onde os indivíduos procuravam “emoções” diferentes do seu dia-a-dia.

Identificando-se pela marginalidade, prostituição e medo, o que resultou em discriminação e em preconceito por parte de muitas pessoas. Considerado um ambiente adverso aos bons costumes, por muitos moradores da cidade, a Zona tornou-se um lugar de representações e simbolismo, onde pessoas buscavam ser ou fazer coisas que normalmente em outros locais não poderiam ser e realizar.

Por seu turno, Mary del Priori⁴ nos faz pensar sobre as questões de gênero e as relações existentes entre os grupos, além do papel do casamento em determinadas sociedades. A autora reflete sobre o papel do adultério para os homens e para as mulheres, pois ainda nesse período percebemos uma “moral conservadora” no interior de alguns grupos tradicionais da cidade. Isto fica

³ PESAVENTO, Sandra. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004. p. 29.

⁴ DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

explicitado, na passagem abaixo, quando afirma que:

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se supor que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar. E sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal.⁵

Entretanto, o adultério masculino poderia ser explicado sob uma perspectiva machista, de que era a prática sexual, uma necessidade inerente ao ser biológico “homem”. Além disso, ainda permanecia a ideia de que com a esposa não se realizava “peripécias sexuais”, e isso relegava ao homem o esvaziamento da atração pela esposa, gerando a partir disso, outros tipos de sentimento como carinho, afeto, gratidão. Em muitos os casos, as mulheres deixam de ser esposas, para se tornarem a mãe dos meus filhos.

Para as mulheres casadas - e analisando sob uma perspectiva local - o fim do casamento ou um escândalo era tido como um grande problema, já que muitas sabiam da infidelidade dos cônjuges, mas tinham receio de como ficaria a sua situação, principalmente a financeira, para criar os filhos, mas também como seriam apontadas pela sociedade.

Nessa perspectiva, de melhor compreender o processo histórico de construção dessas imagens e representações sobre as mulheres do meretrício de Taquara, observamos aquilo que a historiadora Sandra Pesavento reflete em sua obra de referência “O imaginário da cidade”⁶ e na qual analisa os espaços urbanos e a produção das imagens que seus moradores produzem sobre esses diferentes espaços que habitam.

Para a autora, se construiu historicamente – e ainda se constrói – um verdadeiro ideal de cidade, cuja imagem é idealizada através dos grupos sociais que a constituem, que dessa forma manifestam seus interesses e seus imaginários, que normalmente se associam as noções de progresso e civilidade. Entretanto, segundo

⁵ DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 195.

⁶ PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

sua interpretação, os espaços do meretrício desempenharam um papel fundamental na dinâmica social das cidades, na medida em que esses lugares – considerados subversivos a ordem estabelecida, funcionavam como uma “válvula de escape”, onde as pessoas procuravam extravasar seus sentimentos e aquilo que era considerado fora dos costumes estabelecidos pela comunidade.

Nessa mesma linha interpretativa, Roger Chartier, vê que os indivíduos ao se identificarem como grupo utilizam-se de representações como “elo de ligação” entre eles:

[...] as tentativas feitas para decifrar diferentemente as sociedades, penetrando o dédalo das relações e das tensões que as constituem a partir de um ponto de entrada particular (um acontecimento, obscuro ou maior, o relato de uma vida, uma rede de práticas específicas) e considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo.⁷

Ao analisar o espaço social verifica-se que, no caso das imagens e das representações sobre o meretrício de Taquara, cria-se uma distinção entre os frequentadores e não frequentadores do local, pois ao criarem uma representação de grupo, distiguem-se os que mantêm os bons costumes e os marginalizados, que não se condicionam às normas estabelecidas.

A imprensa, o meretrício e a difusão de uma memória sobre o espaço

Em grande parte dos editoriais publicados pelo Jornal Panorama, evidencia-se a Zona do Meretrício como um lugar de desregramento e exclusão social, tornando-se difícil desvincular a discussão sobre as personagens do espaço urbano marcado como um lugar de marginalidade, prostituição e medo.

Sandra Pesavento⁸ revela que tais espaços, encarados como tortos, estreitos, enlameados e mal iluminados, continham edificações qualificadas através de uma linguagem de estigmatização contida em uma alteridade condenada, pois

⁷ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 66.

⁸ PESAVENTO, Sandra J. Lugares malditos: a cidade de outro no Sul brasileiro: Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.

seus estabelecimentos eram denominados de “espeluncas ou bordéis”, espaços com funções bem delimitadas, isso sem citar outros tipos de edificações destinadas aos moradores pobres. Era no espaço estigmatizado que as jogatinas aconteciam, onde se potencializava e estimulava a bebedeira, o crime, o linguajar de baixo calão, além de atos obscenos.

A partir dessas constatações iniciais, é que passamos a análise mais aprofundada das publicações do Panorama, em diferentes edições e que assim nos permitem melhor compreender o conteúdo presente nas edições publicadas pelo Jornal. Esse, sem dúvida, destinou parte de seus editoriais à difusão de notícias relacionadas ao meretrício localizado na cidade, o que reforça nossa convicção de que o meretrício despertava os olhares da sociedade taquarense em relação a esse *lugar* da cidade.

Iniciamos com a análise da reportagem “Outro Assalto perto da Zona”⁹ na qual a violência é o tema central. É relato um assalto ocorrido nas mediações, onde três meliantes cercam um indivíduo que havia frequentado o meretrício, ao anunciarem o assalto, a vítima tenta reagir e é golpeada na testa, perdendo os sentidos. Os assaltantes levaram da vítima sua bolsa “leva tudo” e um relógio de pulso. Socorrida por populares, a vítima teria prestado queixa na Delegacia do município e teria sido encaminhada ao Hospital para tratar dos ferimentos. Em decorrência deste fato a polícia do município anunciou que iria fazer operações no local.

Observa-se que o meretrício é diretamente associado ao lugar de bandidos e, portanto, daqueles que se contrapõem ao ideal de sociedade da época. Evidencia-se que esse tipo de operação policial era encorajado pela comunidade local, pois o ambiente mencionado contrariava os padrões éticos e necessitava de medidas controladoras por parte dos meios administrativos e de segurança pública. Isto fica visível na reportagem publicada em 21 de fevereiro de 1976 sob o título de “Polícia está recuperando armas e joias furtadas”, que exemplifica como a imprensa interagiu com os padrões que parcela da comunidade acreditava: “As investigações continuam e a polícia espera liquidar de uma vez com essa onda de furtos e assaltos

⁹ Outro Assalto perto da Zona. **Panorama**. 20. dez. 1975. p. 20.

de que está sendo vítima a cidade.”¹⁰

Dando continuidade a análise das fontes impressas pelo jornal, encontramos na edição 20 de dezembro de 1975 uma publicação intitulada “Polícia e Brigada fizeram Limpeza na Zona” e que retratava as medidas tomadas pelos órgãos de segurança em relação ao meretrício:

[...] Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Polícia Civil e a Brigada Militar a unir as suas forças e efetuaram a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados.[...].¹¹

Nessa operação, ao vasculharem as casas do local, os policiais teriam recolhido 16 pessoas que precisaram prestar esclarecimentos na Delegacia de Polícia local. A reportagem ainda retrata que outras operações deste tipo seriam efetuadas antes do final do ano.

No editorial publicado no dia 21 de fevereiro de 1976 e que traz como título “Bateu na Elaine e quebrou a casa”¹² é mostrado como os entorpecentes estão presentes nesse espaço de convívio social. A reportagem ressalta que uma moradora da zona esteve na delegacia prestando queixa de que um indivíduo estava promovendo um quebra-quebra em uma das casas do local, além de agredir outra moradora da casa. Após efetuarem uma diligência os policiais ao meretrício constataram que o indivíduo estava sob efeito de tóxicos. Nota-se de que havia uma preocupação com o que ocorria no local e de que as coisas pudessem sair de controle.

Nessa mesma edição, o Jornal Panorama publica outra reportagem que noticia a recuperação de armas e jóias roubadas, sendo “após uma série de investigações e “batidas” a polícia conseguiu apreender na zona do meretrício uma série de objetos que foram roubados em Taquara e São Francisco de Paula. Entre os objetos estavam dois revólveres que segundo consta foram usados pelo autor em diversos arrombamentos¹³. Esta passagem afirma como fatores relevantes para a caracterização negativa do lugar e de alguns de seus moradores, o tráfico de

¹⁰ Polícia está recuperando armas e joias furtadas. **Panorama**. 21 fev.1976. p. 5.

¹¹ Polícia e Brigada fizeram Limpeza na Zona. **Panorama**. 20 dez. 1975. p. 5

¹² Bateu na Elaine e quebrou a casa. **Panorama**. 21. fev. 1976. p. 5.

¹³ **Panorama**. 21. fev. 1976. p. 5.

entorpecentes, a aquisição de armas e a própria preocupação da comunidade e da imprensa em apoiar qualquer atividade que tentasse coibir as ocorrências de violências na “zona”.

No dia 28 de fevereiro de 1976, o Jornal Panorama editou outra reportagem intitulada “Tiroteio na zona”¹⁴, que trata da violência do meretrício. Esta por sua vez retrata um tiroteio ocorrido no local, onde um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates. O motivo principal envolveria uma mulher que trabalhava no local. A vítima procurou a Delegacia e registrou ocorrência do fato, pois um dos disparos atingiu seu braço, e em consequência disso foi encaminhado para o hospital local. Identificamos aqui um elemento discutido por Del Priori, para quem “o crime passional era uma modalidade de violência bastante presente nas camadas desfavorecidas”.¹⁵

Ressaltamos o fato de que durante as décadas de 1970 e 1980 o Jornal Panorama noticiou fatos ligados, direta ou indiretamente, a zona do meretrício da cidade de Taquara, nos quais conflitos pessoais e de segurança pública eram pontos que o jornal enfatizava com maior frequência. Na reportagem do dia 20 de dezembro de 1975, intitulada “Polícia e Brigada Fizeram Limpeza na Zona”, noticiou-se a realização da Operação Varredura, onde, em parceria entre Polícia Civil e Brigada Militar, foi feita a apreensão de elementos em virtude de constantes assaltos nas proximidades da zona.

Os constantes assaltos que estão ocorrendo nas proximidades da zona do meretrício, levaram a Polícia Civil e a Brigada Militar a unir suas forças e efetuarem a chamada “Operação Varredura”, para recolher os desocupados [...] grande efetivo de soldados (...) deslocaram-se até a zona do meretrício, onde efetuaram um cerco. Vasculharam todas as casas e dormitórios recolhendo os desocupados. Muitos daqueles que se encontravam no interior das casas tentaram fugir pulando janelas até mesmo em trajes menores, porém o cerco dos policiais evitou a fuga de qualquer marginal.¹⁶

Segundo a reportagem, quinze homens foram levados a delegacia de polícia para realização de interrogatório. Ainda de acordo com o veículo de imprensa, na região da grande Porto Alegre, outras ações em conjunto entre Brigada Militar e a

¹⁴ Tiroteio na zona. **Panorama**. 28 fev. 1976. p. 8.

¹⁵ DEL PRIORI, 2006, p. 277.

¹⁶ **Panorama**. 20 dez. 1975. p. 5.

Polícia Civil seriam realizadas, dentro da “Operação Papai Noel: Segundo a reportagem apurou, dentro da Operação Papai Noel, que está sendo desencadeada em toda a grande Porto Alegre, muitas batidas conjuntas, entre Brigada Militar e Polícia Civil, serão realizadas ainda antes do final do ano.”¹⁷

Em 10 de abril de 1976, no espaço destinado a curtas notícias de caráter policial, o jornal divulgou através de *Furtos*¹⁸ que no meretrício um senhor de 62 anos de idade foi furtado em Cr\$ 230,00. A vítima, entretanto, afirmou desconhecer o autor da ação, demonstrando certa complacência em relação à recorrência desse tipo de ação no meretrício, que segundo o editorial era comum no local.

Já na edição publicada em 24 de março de 1979, foi noticiada a detenção de 18 elementos no hotel *Turista*, próximo ao meretrício. Na matéria intitulada “Polícia realizou batida e deteve 18 elementos”, o jornal afirma que a aglomeração no Hotel citado gerou desconfiança entre os policiais de que indivíduos suspeitos pudessem estar no local: “Os policiais, ao passarem pelo local, perceberam grande aglomeração de pessoas e desconfiaram que lá poderiam estar certos indivíduos procurados. Depois de feita uma triagem, foram presos 18 elementos [...]”¹⁹

Após realizar a batida, foi constatada a presença de um homem envolvido em crime ocorrido duas semanas antes. Desta forma, segundo o jornal, a polícia poderia dar continuidade a investigação, pois: “[...] A polícia estava em seu encaixe e obteve êxito, podendo, agora com mais dados, continuar o inquérito sobre a morte de [...]”²⁰ A chamada da notícia ainda faz referência aos serviços realizados pela Polícia em Taquara. Diz o jornal: “Continuando o trabalho de zelar pela ordem pública da comunidade taquarense, os policiais da DP local estão desenvolvendo uma série de “batidas” em lugares onde possam encontrar-se elementos nocivos a sociedade.”²¹

Dando continuidade a nossa investigação sobre os editoriais, notamos numa publicação do final da década de 1980 outros elementos interessantes. Na

¹⁷ **Panorama**. 20 dez. 1975. p. 5.

¹⁸ *Furtos*. **Panorama**. 10 abr. 1976. p. 10.

¹⁹ Polícia realizou batida e deteve 18 elementos. **Panorama**. 24 mar. 1979. p. 7.

²⁰ **Panorama**. 24 mar. 1979. p. 7.

²¹ **Panorama**. 24 mar. 1979. p. 7.

reportagem do dia 26 de junho de 1987, é trazida a notícia de que o assassino do proprietário de uma boate do meretrício, a “Boate Labarca”, havia se entregado a polícia. De acordo com o jornal, o assassino deu sua versão dizendo que era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. Ao entrar já estaria ocorrendo a confusão, sendo que neste momento o proprietário o atacou com uma faca. Sem outra possibilidade atirou no homem e fugiu:

O assassino disse que nem sabe porque começou a briga na boate Labarca. [...] ele era o terceiro de um grupo que estava entrando na boate. (...) Disse que quando entrou, já estava brigando (o proprietário) com os outros dois homens que o acompanhavam. No meio da confusão o dono da boate teria se voltado contra ele armado de faca, e que, encurralado, não teve outra alternativa, que não fosse atirar.²²

A reportagem afirma que a versão das quatro primeiras testemunhas não confirma a versão do indiciado. Segundo as testemunhas os três indivíduos chegaram de outra boate, a Apolo 11, e que apenas aquele não apresentava sinais de embriaguês. A confusão teria começado com o desentendimento entre um garçom e um dos homens, que teria posto os pés sobre a mesa. Este teria sido expulso do recinto, gerando as consequências já sabidas.

As testemunhas disseram que tudo começou com desentendimento entre um garçom e um dos acompanhantes (do indiciado) que teria sentado inadequadamente, com os pés sobre a mesa. O elemento foi colocado para fora e instalou-se a confusão [...].²³

A violência e a desordem ocorreram sob os mais variados tipos de motivos, percebe-se isso ao analisar as reportagens anteriores com a intitulada “Quebra-quebra”, de 20 de março de 1976: “[...] cidadão promoveu verdadeiro quebra-quebra num bar da Zona meretrício. Como se não quisesse pagar a conta, começou a quebra garrafas, discos, balcão e tudo o que lhe viesse à frente.”²⁴

Já no mês seguinte, em 17 de abril, o Panorama informa através de o Incêndio, que no meretrício teria ocorrido um incêndio, que possivelmente teve causas propositais, por parte de desafetos que o lugar teria conquistado. Segundo o

²² Briga e morte na “zona”. **Panorama**. 26 jun. 1987. p. 3.

²³ **Panorama**. 26 jun. 1987. p. 3.

²⁴ Quebra-Quebra. **Panorama**. 20. mar. 1976. p. 11.

editorial são muitos, os frequentadores assíduos do local, vindos de todos os lugares da cidade e até mesmo região, fica difícil para as autoridades encontrarem suspeitos para o crime. “[...] O sinistro começou na cozinha e quando... (nome da pessoa) viu as chamas não havia mais chance de apagar o fogo.”²⁵

Mesmo em um ambiente que por muitas vezes foi considerado nocivo a sociedade taquarense, o Jornal Panorama publicou reportagens que mostravam outra visão do espaço do meretrício. A edição de 01 de novembro de 1975 mostra que na Apollo 11 se encontra diversão, dança e música ao vivo. Cantores famosos costumam visitar frequentemente o local, alegrando o mesmo com suas músicas, atraindo um interesse por parte de homens e mulheres cada vez maior pela danceteria. Soma-se a isso o fato de que prostitutas trabalham no local, aumentando cada vez mais sua freguesia.²⁶ Elas eram entendidas pela comunidade como responsáveis por adotar uma prática imoral, não sendo, segundo sua interpretação, indignas de conviver em sociedade.

Para entendermos essa postura é importante lembrar qual era o ideal de mulher da época – as décadas de 1970 e 1980. Nesse contexto a mulher deveria ter sensibilidade sexual, ou seja, mostra-se subordinada a sua condição sexual, especialmente em relação a maternidade e aos afazeres domésticos, vendo em seu marido um senhor superior a ela, sendo, portanto, totalmente dominada pelo seu esposo. Sua sexualidade era vista, ainda, como um tabu, ficando sem direitos de expressar-se publicamente. Os comportamentos desviados de uma prostituta a impede de cumprir suas obrigações sociais fomentando a desordem social e política.

Nesse sentido apresentado acima, temos a reportagem “Tiroteio na zona”²⁷ que corrobora com essa visão. A reportagem demonstra a influência das meretrizes em alguns dos fatos ocorridos naquele espaço, sendo ali que um indivíduo disparou tiros contra outro, nos fundos de uma das boates. O motivo principal envolveria uma mulher que trabalhava no local. Contrapondo a reportagem anterior e a próxima, identificamos que as personagens andavam em uma linha tênue, já que em alguns ocorridos eram o motivo de alguma violência ou eram as vítimas das mesmas.

²⁵ Incêndio. **Panorama**. 17 abr. 1976. p. 4.

²⁶ Nossa vida noturna tem poucas opções. **Panorama**. 01 nov. 1975. Capa.

²⁷ **Panorama**. 28 fev. 1976. p. 8.

No editorial “Agressão”, o Panorama mostra a violência contra as prostitutas que trabalhavam na “zona”, apesar de encontrarmos poucos editoriais que relatasse esse tipo de situação, nota-se pelo descrito em outros tipos de editoriais que o ambiente de violência perpassava pelas pessoas que passavam pelo local em algum dado momento:

A meretriz (nome da pessoa), de 24 anos de idade queixou-se na Delegacia de Polícia no dia 11 do corrente, às 4:30 horas na zona do meretrício local, foi agredida pelo proprietário de um bar lá instalado, cujo nome é (nome do indivíduo).²⁸

No editorial de 21 de fevereiro de 1976, intitulado “Bateu na Elaine e quebrou a casa” mostra também que o ambiente de violência assolava as meretrizes, que por normalmente estarem em desvantagem perante aos indivíduos que pelo local circulavam, sofriam maus tratos:

No último dia 16 do corrente, às 18:00 horas, a Sra. (nome da pessoa) residente na zona do meretrício de Taquara comunicou que o Sr. (nome da pessoa) estava promovendo desordens em uma casa, tendo espancado a mulher, (nome da pessoa). O elemento foi recolhido à Delegacia de Polícia, tendo-se constatado que estava sob efeito de tóxicos.²⁹

Finalmente nos chama a atenção a notícia estampada na capa do jornal de 01 de novembro de 1979 em que aparece – como manchete do Jornal - a reportagem “Meninas foram dopadas e abandonadas no mato”. De acordo com o editorial, foram encontradas meninas menores de idade, em um mato próximo à Rua Pinheiro Machado, em Taquara. A investigação teria começado depois que uma das bailarinas da danceteria *Apolo 11* comunicou a polícia que suas duas irmãs haviam desaparecido da residência de familiares, em Saporanga. Outro elemento que aparece nessa reportagem é a utilização da maconha, droga utilizada para entorpecer as duas meninas e que: “[...] Conforme o delegado de polícia quem entregou maconha para os menores foram dois indivíduos.” (**Panorama**. 01 nov. 1979. p.6) Assim, o meretrício é representado também como espaço de

²⁸ **Panorama**. 17 abr. 1976. p. 4

²⁹ **Panorama**. 21. fev. 1976. p. 5.

prostituição, tráfico de drogas e circulação de menores de idade, o que acaba reforçando a idéia negativa do meretrício.

Considerações finais

O meretrício de Taquara foi alvo, sem dúvida, de diversas interpretações por parte da sociedade na qual o lugar se inseria geográfica e socialmente. Certamente muitas opiniões divergiam sobre o lugar, as personagens envolvidas bem como em relação aos acontecimentos que marcaram a trajetória de sua existência.

Entretanto, prevaleceu materializada pela imprensa oficial de Taquara, a imagem de desregramento e imoralidade, que caracterizavam o meretrício e suas personagens. Se por um lado esse era o lugar da diversão e também da realização de atividades culturais prevaleceu por outro lado a noção de festa imoral, de devassidão e de violência, que em parte traduzia os interesses daqueles que detinham o poder de falar, os seja, de difundir a sua interpretação individual ou coletiva – ainda que de um grupo restrito - sobre o meretrício de Taquara.

O fato de estar localizado em uma área marcada pela imigração alemã no sul do Brasil, nos parece ser um elemento de fundamental importância. Isso se justifica, na medida em que observamos que a cultura e as tradições herdadas dos imigrantes marcou a comunidade local, que viu nascer em seu próprio espaço social, um meretrício, ou seja, uma lugar que se opunha, em grande parte, aos valores e as ideias defendidas oficialmente pelos diferentes grupos sociais que constituíam Taquara e seus arredores. Entretanto, dentro dessa mesma sociedade que condenou de forma evidente esse *lugar de desregramento social* foi quem o sustentou e deu viabilidade econômica para que as casas de prostituição do meretrício se mantivessem de portas abertas, durante várias décadas.

Referências

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DREHER, M.N; RAMBO, A. B; TRAMONTINI, M. J. (orgs). **Imigração e imprensa**.

Porto Alegre: EST / São Leopoldo: IHSL, 2004.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do século XIX. **Estudos Ibero-Americanos. PUCRS**, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004.

_____. Lugares malditos: a cidade de outro no Sul brasileiro: Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, set. 1999.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: PUCRS / São Leopoldo: UNISINOS, 2003.